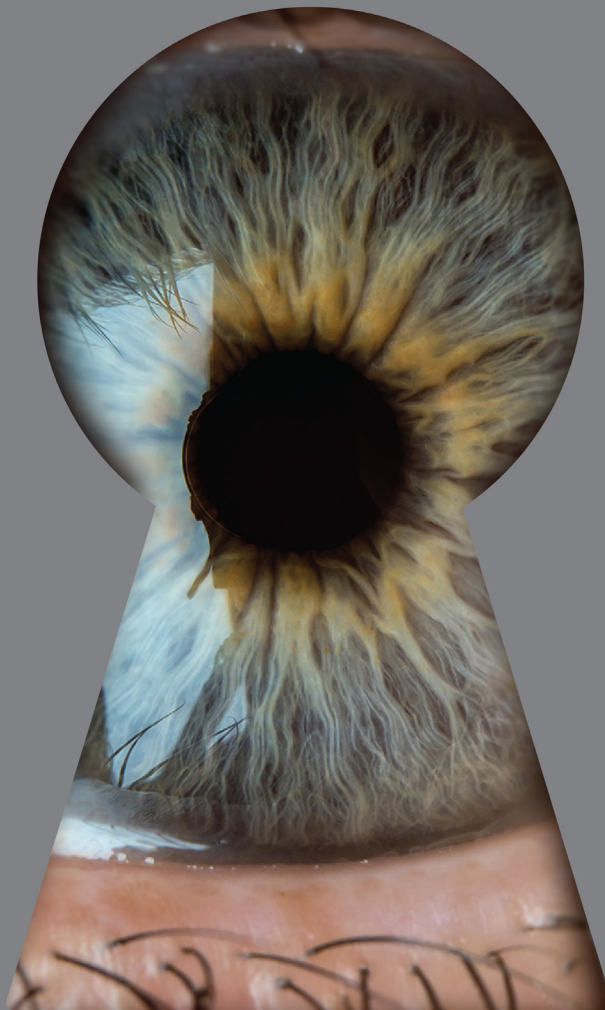


VOL III

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol III / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-39-2

DOI 10.37572/EdArt_290621392

1. Ciências humanas. 2. Humanidades. Desenvolvimento Sustentável. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

AMBIENTE, DESARROLLO SUSTENTABLE, GERENCIAMIENTO

“Só quem pode surgir com o povo é o novo.

E o novo são as crianças.

Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, que están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Tercer Volumen, que tiene como eje temático **AMBIENTE, DESARROLLO SUSTENTABLE, GERENCIAMIENTO**, la temática del ambiente, a través de estudios locales en búsqueda de un mejor aprovechamiento de recursos, que aporten a desarrollar energías y mantener beneficios naturales, hacen que las propuestas sustentables sean tratadas desde enfoques académicos como desde el gerenciamiento. Así las políticas agrícolas, la planificación territorial, se presentan bajo estudios históricos y actuales.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

APRESENTAÇÃO

MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, GESTÃO

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.
E o novo são as crianças.
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do planeta.

No Terceiro Volume, que tem como eixo temático MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, GESTÃO, o tema do meio ambiente, por meio de estudos locais em busca de um melhor aproveitamento dos recursos, que contribuam para o desenvolvimento de energias e manutenção dos benefícios naturais, fazem propostas sustentáveis são tratadas a partir de diferentes abordagens acadêmicas e gestão. Assim, as políticas agrícolas, de planejamento territorial, são apresentadas sob a forma de estudos históricos e atuais.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TRANSFORMACIONES AGRARIAS Y NUEVOS PAISAJES RURALES EN EL MUNICIPIO DE YECLA (ESPAÑA)

[Francisco José Morales Yago](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213921

CAPÍTULO 2..... 18

EXTRACTIVISMO, FUERZAS PRODUCTIVAS Y REESTRUCTURACIÓN AGRARIA EN PARAGUAY

[Ramón Fogel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213922

CAPÍTULO 3.....30

LA CUESTIÓN AGRARIA CUBANA ACIERTOS Y DESACIERTOS EN EL PERIODO DE 1975-2013: LA NECESIDAD DE UNA TERCERA REFORMA AGRARIA

[Tatiana Wonsik Recompensa Joseph](#)

[Lázaro Camilo Recompensa Joseph](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213923

CAPÍTULO 4 57

DE LA ENCOMIENDA A LOS CONDOMINIOS: CAMBIOS SOCIALES EN LA PROPIEDAD Y TENENCIA DE LA TIERRA DE LOS CRIADORES DE CAMÉLIDOS SUDAMERICANOS

[Eliseo Zeballos Zeballos](#)

[Paquita Lourdes Velásquez Alarcón](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213924

CAPÍTULO 5..... 78

UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA DESCENTRALIZAÇÃO INSTITUCIONAL DAS POLÍTICAS RURAIS BRASILEIRAS PARA A INCLUSÃO SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO PRODUTOR A PARTIR DA DÉCADA DE 1930

[Cristian Arnecke Schröder](#)

[Adrielli Santos de Santana](#)

[Carlos Eduardo Ribeiro Santos](#)

[Lessí Inês Farias Pinheiro](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213925

CAPÍTULO 6 90

WIRIKUTA Y XOCHICALCO: UN ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA LUCHA DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS POR EL PATRIMONIO BIOCULTURAL

Coral Giseth García Haj
Armando Sánchez Albarrán

DOI 10.37572/EdArt_2906213926

CAPÍTULO 7 104

LA ORDENACIÓN TERRITORIAL Y LAS FUENTES RENOVABLES DE ENERGÍA

María Rodríguez Gámez
Antonio Vázquez Pérez
Wilber Manuel Saltos Arauz
Guillermo Antonio Loor Castillo
Carlos Gustavo F. Villacreses Viteri

DOI 10.37572/EdArt_2906213927

CAPÍTULO 8 117

PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA TERRITORIAL EN RELACIÓN DEL PLAN ESTRATÉGICO DE ROSARIO, ANÁLISIS TEÓRICO Y METODOLÓGICO

Elián Gabriel Babini

DOI 10.37572/EdArt_2906213928

CAPÍTULO 9 138

A POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A ANÁLISE DA DINÂMICA DO DISTRITO INDUSTRIAL DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO/SERGIPE

Elmer Nascimento Matos
Daniela Mércia Santos
Wesley Santos

DOI 10.37572/EdArt_2906213929

CAPÍTULO 10 158

MAR DEL PLATA: TRANSFORMACIONES EN SU GEOGRAFÍA URBANA A INICIOS DEL SIGLO XXI: PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA, SEGURIDAD Y ESPACIO PÚBLICO

Alberto Roque Villavicencio

DOI 10.37572/EdArt_29062139210

CAPÍTULO 11..... 173

CORPO CAIÇARA E SUAS RAÍZES

[Bruno Tavares Magalhães Macedo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139211

CAPÍTULO 12..... 189

PERSPECTIVA DE LA RELACIÓN TERRITORIAL Y DE LOS PROCESOS HISTÓRICOS.
¿QUÉ NOS NARRA LA EDUCACIÓN? LA VERDAD COMO ELEMENTO DE
LIBERACIÓN

[Yetko Alexander Sierra Maira](#)

[Ulises Mauricio Díaz Sánchez](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139212

CAPÍTULO 13..... 201

RIO SÃO FRANCISCO, AS ÁGUAS ENCANTADAS E O DESENCANTO COM A
TRANSPOSIÇÃO

[Loreley Gomes Garcia](#)

[Mayrinne Meira Wanderley](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139213

CAPÍTULO 14..... 217

ACTITUDES DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS HACIA EL MEDIO AMBIENTE.
UNA EXPERIENCIA INNOVADORA EN EL CAMPO DE LAS CIENCIAS AMBIENTALES

[Macarena Esteban Ibáñez](#)

[Luis Vicente Amador Muñoz](#)

[Francisco Mateos Claros](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139214

CAPÍTULO 15..... 228

LA GUERRA FRÍA ENTRE IRÁN Y ARABIA SAUDÍ Y LA RECONFIGURACIÓN DE
ORIENTE MEDIO

[Ignacio Álvarez-Ossorio](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139215

CAPÍTULO 16..... 241

LA MIRADA CONSERVADORA DEL FRENTE POPULAR DESDE PROVINCIAS: PUENTE ALTO 1938-1941

[Reinaldo Hernández Catalán](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139216

CAPÍTULO 17..... 251

TENDIENDO PUENTES ENTRE DATACIÓN Y ARQUEOLOGÍA

[Christopher Duarte](#)

[Roberto Bracco Boksar](#)

[Ofelia Gutiérrez](#)

[Daniel Panario](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139217

CAPÍTULO 18..... 260

WORK DESIGN NA PERSPECTIVA DE GESTORES E NÃO-GESTORES: CARACTERÍSTICAS DA TAREFA

[Silvana Regina Ampessan Marcon](#)

[Lília Aparecida Kanan](#)

[João Ignacio Pires Lucas](#)

[Magda Macedo Madalozzo](#)

[Sabrina Goettert Britto](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139218

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 282

ÍNDICE REMISSIVO 283

CAPÍTULO 11

CORPO CAIÇARA E SUAS RAÍZES

Data de submissão: 10/03/2021

Data de aceite: 06/04/2021

Bruno Tavares Magalhães Macedo

Bolsista do Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense
PPGH/UFF. CNPq
<http://lattes.cnpq.br/5296762066047961>

RESUMO: O Caiçara é a positivação contemporânea que busca reverter este imaginário antigo de certo caboclo indolente e preguiçoso. A imagem medieval do camponês ladino, Pedro Malazartes, vivendo na contemporaneidade. Em Raízes do Brasil encontramos esse Malazartes brasileiro descrito como signo de uma identidade negativa, avesso de um bom trabalhador da sociedade moderna, no qual o autor enxerga refletidos os valores culturais de uma aristocracia rural abastada, construídos sobre um indianismo literário romântico, representado em sua ociosidade, sua aversão a todo esforço disciplinado, sua imprevidência, sua intemperança, seu gosto acentuado por atividades antes predatórias do que produtivas. Então, como pôde o Caiçara contemporâneo tornar-se signo de um povo da floresta no século XXI? Por que ele é elencado na nova ordem ecológica do

bom manejo da natureza? Exatamente estas metamorfoses da sociedade e dos indivíduos, narradas por personagens segundo os documentos recolhidos, são a linha de condução deste artigo. Ele se organiza pela observação dos atores sociais envolvidos em uma política patrimonial que mobilizou artistas, cientistas e lideranças comunitárias no início do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Canção. Caiçara. História. Mata Atlântica.

CAIÇARA, THE BODY AND ITS ROOTS

ABSTRACT: Caiçara is the contemporary positivity that seeks to reverse this old imaginary of a certain indolent and lazy caboclo. The medieval image of the rogue peasant, Pedro Malazartes, living in contemporary times. In Raízes do Brasil we find this Brazilian Malazartes described as a sign of a negative identity, the opposite of a good worker in modern society, in which the author sees reflected the cultural values of a wealthy rural aristocracy, built on a romantic literary Indianism, represented in his idleness, his aversion to any disciplined effort, his unpredictability, his intemperance, his accentuated taste for activities that were predatory rather than productive. So, how could contemporary Caiçara become the sign of a forest people in the 21st century? Why is it listed in the new ecological order of good management of nature? Exactly these metamorphoses of society and individuals,

narrated by characters according to the documents collected, are the guiding line of this article. It is organized by observing the social actors involved in a heritage policy that mobilized artists, scientists and community leaders at the beginning of the 21st century. **KEYWORDS:** Song. Caiçara. History. Atlantic Forest.

1 INTRODUÇÃO

Caiçara¹ é uma prática de construir cercados. Palafitas de proteção da aldeia indígena contra invasores humanos ou da vida selvagem. Serve também para proteger a roça contra os animais silvestres ou de criação. Usa-se para formar armadilhas para pega do peixe. “*Juca acordando cedo, visitando o cerco e Manezinho saindo pra tirar taquara*”. (Perequeaçú, 1992) Da taquara costuma ser feita a caiçara. Caiçara é também um sujeito social e político² que nasce no contexto contemporâneo de resistência cultural à ocupação do território do litoral sul sudeste do Brasil por projetos econômicos e parques ambientais recentes. É a transformação do caboclo rural, habitante da mata atlântica, em agente cultural da modernidade tardia³. “*Quando alguém perguntar quem foi que cantou aqui, foi o grupo Caiçara morador de Paraty*” (Os Caiçaras, 2009), diz a ciranda atual. Mas não foi sempre assim. Vejamos como Sergio Buarque de Hollanda descreveu certas práticas deste antigo sujeito social brasileiro.

Outros costumes, como o do muxirão ou mutirão, em que os roceiros se socorrem uns aos outros nas derrubadas de mato, nos plantios, nas colheitas, na construção de casas, na fiação do algodão, teriam sido tomados de preferência ao gentio da terra e fundam-se, ao que parece, na expectativa de auxílio recíproco, tanto quanto na excitação proporcionada pelas ceias, as danças, os descantes e os desafios que acompanham obrigatoriamente tais serviços. Se os homens se ajudam uns aos outros, notou um observador setecentista, fazem-no “mais animados do espírito da **caninha** do que do amor ao trabalho”. (HOLLANDA, 1969, p. 60. Grifo do autor).

O Caiçara é a positivação contemporânea que busca reverter este imaginário antigo de certo caboclo indolente e preguiçoso. A imagem medieval do camponês ladino, *Pedro Malazartes*, vivendo na contemporaneidade, como conta Dona Ruth, quando

¹ Caiçara. Substantivo feminino. Cerca tosca. Variação gráfica do vocábulo; Caiçá 1587, caicara c 1587, caica c 1596, caissara 1656 etc. Origem morfológica; do tupi *kaaĩ'sa*. Fonte: CUNHA, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 2015, P. 112.

² “(...) conflitos de reconhecimento da propriedade da terra. Trabalhando este dado com a perspectiva de Thompson (2011), levantamos a hipótese de que no processo conflitivo ocorreu um fazer-se de sujeitos políticos ativos no bojo do reordenamento regional – os *caiçaras*, ou as comunidades que ali residiam, e o empresariado, ou o capital turístico e industrial. No caso dos *caiçaras*, surgiu em algumas localidades, um processo de organização política mediada por instituições, como associações e sociedades.” (CPDA/UFRRJ, 2015, P. 305. Grifos dos autores).

³ Segundo Hall (2003) o pós-colonial quer responder a uma crise de compreensão produzida pela incapacidade das velhas categorias para explicar o mundo. O conceito pode contribuir no debate sobre a modernidade tardia e a análise do capitalismo global. Para Ferreira (2001) o ator central das análises intelectuais sobre a modernidade tardia é o camponês. Segundo esta análise o êxodo rural traz valores tradicionais para a cidade, permite a manipulação (pelas camadas médias) das massas ignorantes da luta pelos interesses na sociedade de classes.

aponta no prefácio de sua pesquisa sobre a memória do Vale do Paraíba, que *Malazartes* é na definição popular um ser autêntico “gente de unha dente, com bunda atrás e nariz na frente” (GUIMARÃES, 2006, P 19). Identificado em muitas narrativas recolhidas no campo (1970-1983) por sua inteligência aguda, capaz de subverter os códigos de conduta através de ações inusitadas e usos próprios da linguagem comum.

Em *Raízes do Brasil* encontramos esse *Malazartes* brasileiro descrito como signo de uma identidade negativa, avesso de um bom trabalhador da sociedade moderna, no qual o autor enxerga refletidos os valores culturais de uma aristocracia rural abastada, construídos sobre um indianismo literário romântico, representado em “sua ociosidade, sua aversão a todo esforço disciplinado, sua imprevidência, sua intemperança, seu gosto acentuado por atividades antes predatórias do que produtivas” (HOLLANDA, 1969, p. 56). Então, como pôde o Caiçara contemporâneo tornar-se signo de um povo da floresta no século XXI? Por que ele é elencado na nova ordem ecológica⁴ do bom manejo da natureza?

Porque este sujeito social se constrói na revisão crítica das noções de progresso, desenvolvimento e civilização ocidental. Noções constituídas no processo histórico ao qual Wallerstein (2011) deu o nome de Moderno Sistema Mundo, em uma obra cujo primeiro volume foi publicado em 1974, momento em que se consolida uma virada cultural nas formas de interpretar e escrever a história⁵. Neste primeiro volume da obra de Wallerstein *The modern World System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century* a agricultura capitalista é percebida como primeira fase de expansão econômica do Sistema Mundo. A produção de excedente agrícola, pela incorporação de técnicas inovadoras de rotação de terras e uso intensivo do arado, é considerada como a base estrutural da acumulação capitalista. Sua expansão mundial dependerá de um longo processo de disputa pela hegemonia política e cultural entre as nações europeias. Só no período que vai de 1789 a 1873/1914, analisado no quarto volume de sua obra (2011), o autor aponta para a criação de uma “geocultura” mundial em torno de um conjunto de ideias, valores e normas inspirados na liberdade política e na cidadania. Legado da revolução francesa que o autor entende como disputa ideológica em torno de um *Centrist Liberalism*.

⁴ O reconhecimento de sua existência e até de sua importância para a conservação e manutenção da diversidade biológica é fenômeno recente, causado pelo surgimento, em países do Terceiro Mundo, de um ecologismo diferente do dos países industrializados. Esse novo ecologismo que absorve princípios do chamado “novo naturalismo” de Moscovici (1974) se traduz em movimentos sociais que propõem o respeito à diversidade cultural como base para manutenção da diversidade biológica, uma nova aliança entre o homem e a natureza, e a necessidade da participação democrática na gestão dos espaços territoriais. (DIEGUES, 2001, P. 158)

⁵ Segundo Soihet (2003) o paradigma iluminista de cultura erudita e a noção de civilização se transformam nos anos 1960 com a história social e a história das mentalidades. A opção pela história dos debaixo evidencia a preocupação do historiador em demonstrar o conflito e as relações de classe no plano cultural. A história cultural do social toma por objeto as formas e os motivos, evitando reduzir as representações sociais a puro construto discursivo. Todo vestígio social sendo um texto interpretável como um signo cultural socialmente contextualizado.

Em diálogo com esta “geocultura” mundial é escrito Raízes do Brasil. Na tentativa de interpretar a “nossa revolução (...) a democracia e a formação nacional” (HOLLANDA, 1969, p.169). A inserção do Brasil no Sistema Mundo se daria dentro da perspectiva de uma história que se move entre permanência e transformação. Permanência de raízes ibéricas personalistas, na controvertida figura do homem cordial⁶, em conflito com uma “geocultura” liberal, impessoal, onde as transformações devem ser disputadas através da organização política da sociedade, em busca da cidadania universal, cuja figura de representação é um homem ideal⁷ da modernidade, o cidadão. Substantivo masculino. Habitante da cidade. Indivíduo membro de um Estado que usufrui de direitos políticos civis e desempenha os deveres que lhe são socialmente atribuídos.

2 SABER EM TRÂNSITO

Na ciência e na arte o enquadramento do saber local em contraste com a cultura ocidental é hoje já uma operação fácil demais segundo Secord (2004). Como historiador, ele entende que é através dos suportes de difusão e tradução que as formas de saber circulam. O contexto surge aí como sinônimo de história e a cultura como sinônimo de sistema significante de símbolos. Como resultado, produz-se outra forma de interpretar a maneira pela qual o conhecimento se move. Ao invés de um lugar superior, verdade acima das coisas do mundo, se encontra um movimento do saber aprendido pelos deslocamentos laterais mundanos. A periodicidade e a extensão das trocas modificam a recepção e a resposta entre o saber local e o englobante. Verificam-se então processos históricos que reforçam as identidades individuais, a fé religiosa ou a coesão social. As possibilidades de saber mudam com o trânsito entre espaços locais e globais formando novas redes de atores sociais produtores de conhecimento.

A minha pesquisa no PPGH/UFF faz um histórico das ações organizadas dos atores ligados às questões sociais vividas em Paraty entre 1975-2015. Isso ocorre dentro de um contexto marcado por um projeto de desenvolvimento econômico de baixa

⁶ Feldman (2013, P 123) adverte para as mudanças no texto de Raízes do Brasil. “As modificações no capítulo “O homem cordial”, o quinto do livro, dinamizam a busca de soluções a esses impasses no trânsito do passado ao futuro”. Um trecho da correspondência do autor a Cassiano Ricardo: “Associo-a [a cordialidade] antes a condições particulares de nossa vida rural e colonial, que vamos rapidamente superando. Com a progressiva urbanização [...] o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E às vezes receio sinceramente que já se tenha gasto muita cera com esse pobre defunto” (RB, 1956, pp. 311-314; Apud: FELDMAN, 2013, P. 124).

⁷ Didi-Huberman (2013, p.88) diz que a construção da representação de um homem ideal moderno é uma criação presente na escrita da história da arte de Giorgio Vasari (1511-1574), que ao “(...) inventar um novo gênero humano; uma elite, uma nobreza não do sangue, mas da *virtù*. Ela teria formado algo como uma humanidade ideal, um Parnaso de semideuses ressuscitados, que partilham com o príncipe os *sommi gradi* da vida social”. Este argumento retórico, segundo o autor, garantia que, mesmo de nascimento humilde, estes artistas, idealizados pelo gesto criador do historiador Vasari, tivessem acesso a uma cidadania concreta na corte dos príncipes.

participação política. O segundo Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico (PND) lançado no ano de 1975, pelo governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), e pelos desdobramentos culturais do Programa de Cidades Históricas⁸ em Paraty. Este momento histórico é analisado dentro de uma perspectiva de transformação cultural devido à aceleração do fluxo de pessoas e informações na região. Não só em função da chegada da estrada Rio Santos, mas também devido às modificações nas relações políticas e nas manifestações coletivas de diversos setores da sociedade brasileira.

Para ter a perspectiva do discurso cultural que acompanha esta ação no tempo histórico, remeto-me ao Atlas Cultural do Brasil, publicação Conselho Federal de Cultura, 1972. O CFC foi fundado em 1966, contando em seu corpo de conselheiros com intelectuais oriundos do IHGB e da ABL, cuja incorporação ao projeto dos militares teria, segundo Ortiz (1985), a intenção de estabelecer uma ligação entre o passado e o presente, promovendo um sentido de continuidade cultural, não de ruptura. O que me interessa mapear neste documento é a discussão em torno de um conceito amplo de cultura. Destaco que neste Atlas está presente a ideia de mapa regional da cultura brasileira. Este mapa é uma contribuição do antropólogo Manuel Diegues (1912-1991), que foi o secretário de cultura do MEC na gestão de Geisel (1975-1978). O mapa organiza o território segundo as características culturais da população. As formas históricas de ocupação e a relação cultural entre os usos e as representações de diferentes coletividades humanas para seus territórios no Brasil.

Já o verbete Homem e Natureza apresenta o pensamento de Wanderbilt Barros (1916-1997). Barros era engenheiro agrônomo e foi um dos precursores no Brasil da ideia de conservação da natureza através de parques da vida selvagem. O verbete que ele produziu no Atlas do CFC é todo ilustrado por desenhos do THEATRI RERUM NATURALIUM BRASILIAE, dos naturalistas que acompanharam Nassau em sua missão de Arte e Ciência no Brasil Holandês, séc. XVII. Nele, Barros propõe a difusão de uma ideia científica da natureza relacionada à prática de um turismo educativo para o habitante das cidades. Barros foi um dos responsáveis pela consolidação no país do modelo de Parques Nacionais trazido dos EUA. Tendo tido uma ação pioneira à frente do Parque Nacional de Itatiaia, fundado em 1937. Em sua administração, 1943-1957⁹, criou diversos dispositivos

⁸ Programa Cidades Históricas (PCH) nasceu de um Programa Integrado de Reconstrução de Cidades Históricas do Nordeste proposto por João Paulo dos Reis Veloso, secretário de planejamento da presidência da república no governo Médici (1969-1974). Ao se tornar ministro do governo Geisel (1974-1979) Veloso expandiu o Programa como parte do II PND, elevando Paraty, com Y, à categoria de Cidade Histórica; “Então, esse relatório ficou pronto e, em 1975, a gente fez um documento que era uma portaria do ministro. Na realidade, ele levou isso à aprovação. Era uma portaria dele, onde ele criava uma coordenação, onde tinha a Embratur, tinha o Iphan e a Secretaria de Planejamento da Presidência, que coordenaria essas ações”. (ANDRADE, depoimento 2005, CPDOC/FGV, p. 3).

⁹ Ver: Brandão, Júlia Lima Gorges. *Conservacionismo, ciência e turismo: a experiência do Parque Nacional de Itatiaia (1943-1957)*: 141 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro., 2017.

para difundir uma cultura preservacionista entre visitantes, estudantes e pesquisadores no parque. É um precursor desta iniciativa que inverte o sentido do conhecimento comum sobre a natureza. Não é mais o nativo que constrói e transmite um conhecimento cultural sobre a natureza. Isso é folclore, sabedoria popular. É o cientista que ensina ao homem civilizado a verdade sobre a natureza, que ele desconhece por que vive afastado e só a visita a passeio.

3 HISTÓRICO DE UM CONFLITO RURAL

Neste breve tópico aponto para um dos conflitos norteadores na construção da identidade das comunidades tradicionais caiçaras em Paraty.

“A partir do início das décadas de 1970/1980, começa a se constituir uma identidade caiçara, fruto dos embates contra a especulação imobiliária e o autoritarismo ambiental, manifestado pela implantação de parques naturais. Um dos casos paradigmáticos dessa reação foi a luta dos trindadeiros, moradores da Trindade no sul do Rio de Janeiro, contra a instalação de um complexo hoteleiro pela empresa Adela-Brascan, que previa a transferência dos moradores. Após anos de luta, em 1982, firmou-se o acordo que garantiu, em parte, a posse da terra, fortalecendo a identidade caiçara.” (BRETON E PLANTE, 2005, P.278).

Estudada nos anos noventa pelos antropólogos canadenses Steve Plante e Yvan Breton, a questão fundiária da Trindade foi amplamente noticiada em uma matéria de página inteira na capa do Caderno B, o caderno de cultura e artes do Jornal do Brasil, em 19 de junho de 1978. O debate surge então com toda a força, aparecendo em diversos circuitos culturais, em várias formas de testemunhos. A matéria de 1978 fez parte do movimento organizado por frequentadores da Trindade, vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entre eles se destacam duas figuras femininas. Adriana Mattoso, ativista do movimento ambientalista, diretora do documentário *Vento Contra*, 1978-1981 (37 min.), importante testemunho feito durante o momento mais violento do embate entre os *jagunços* da ADELA- BRASCAN e os moradores da Trindade. A outra personagem foi Angela Mascelani, antropóloga e diretora-presidente do Museu Casa do Pontal, no Rio de Janeiro, que frequentava regularmente a Trindade na época. Angela me contou que ouviu a esposa de um advogado dos *trindadeiros* falando que eles iam perder a ação coletiva, porque um acordo já estava sendo preparado nos bastidores. Imediatamente mobilizou assinaturas dos moradores para mover uma nova ação através do escritório de Sobral Pinto (1893-1991), no Rio de Janeiro. Esta nova ação é que ganha esta manchete no Caderno B em 1978.

É interessante perceber como as argumentações se produzem na época em torno das figuras jurídicas no discurso do direito. Os argumentos dos advogados da ADELA-

BRASCAN são justamente de que não existe a figura jurídica de duas posses, porque a própria ideia de propriedade privada repousa sobre a titularidade única da posse. Mas nas comunidades tradicionais, a posse se estende para o uso coletivo da terra. Ou seja, quando os *trindadeiros* eram “incentivados” a vender cada posse, eles imaginavam tratar-se da moradia, não do conjunto de terras utilizadas pela comunidade para desenvolver todas as suas atividades de subsistência. Suas “roças a beira mar”, como canta Luis Perequê (1992). Vejam que no argumento do advogado ressoam ideias que encontramos no texto já citado de Sérgio Buarque de Hollanda sobre o “gosto acentuado por atividades antes predatórias do que produtivas” (Op. cit., p. 56).

Para o Sr. Ernesto Cardoso (advogado), “não existe a figura jurídica de duas posses. Além do mais, os trindadeiros são apenas pescadores, possuindo lavouras de subsistência, plantando como nômades, ou seja, destruindo uma área; quando a terra já estava exaurida, transferiam-se para outro local. Por isso, o direito de posse que reconhecemos é o da área onde viviam.” (JB, 19/06/1978, Capa do Caderno B).

Portanto, há uma transformação importante em gestação. Um novo discurso sobre as comunidades tradicionais se constrói no interior desta relação conflituosa entre o processo de construção da estrada e a grilagem de terras. Será necessário que a ciência enfrente as questões políticas que este momento histórico traz para complexidade das relações sociais contemporâneas.

Os caícaras não costumam marcar suas posses com cercas ou linhas de divisa. A Reserva Ecológica se impõe sobre os espaços comunitários como se fossem áreas devolutas. Não levando em conta o regime de uso comum dos espaços e recursos naturais legitimado pela tradição. (DIEGUES E NOGARA, 2005, P. 145).

O que o antropólogo Antonio Diegues e o biólogo Paulo Nogara trazem para o debate político contemporâneo é uma mudança de paradigma. O estudo sobre o manejo de recursos naturais pelas comunidades tradicionais indica porque as regiões onde estes habitavam permaneceram preservadas durante séculos. Sendo que a destruição começa com a chegada de um novo ciclo econômico de desenvolvimento. Este ciclo se afirma por novos estatutos de direito à terra, que se constroem politicamente ao longo do processo de abertura do regime autoritário. Esta luta política na Trindade ocorre concomitantemente com o movimento pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita. Nas manifestações políticas no Rio de Janeiro ela está presente, como indica o JB de 15/08/1979. “Apelos vão dos presos à ecologia” (JB, P. 4) No pé desta matéria de página inteira são citadas as vozes das militantes que distribuem material sobre a situação na Trindade “protestem contra isso, escrevendo para jornais, para as rádios, mandando contribuições para a aldeia de Trindade”. (IDEM). O aspecto histórico marcante é o fato do conflito se estender até os

dias de hoje, constituindo uma memória comum, entre atores heterogêneos vivos, sobre um passado que não quer passar.

4 REDE CAIÇARA DE CULTURA

O encontro *Cultura e Território* realizado em Paraty durante a FLIP, julho de 2016, foi organizado pela articulação da Rede Caiçara de Cultura. Os depoimentos orais registrados incluem os de alguns fundadores da Rede em 2005¹⁰. Em seu conjunto, eles propõem uma comunidade de oradores e ouvintes que participa de um processo de produção conjunta de uma rede de saberes, onde o conhecimento tradicional, a pesquisa científica e a criação artística dialogam por mais de uma década na construção de uma memória coletiva. A memória da Rede Caiçara de Cultura. Em comum se percebe a luta pelo direito ao território tradicional, espaço social de reprodução e transformação histórica de suas práticas e representações sociais, ou seja, de sua cultura, seu jeito de viver. Nesse espaço social se desenvolvem novas formas de leitura do passado com o objetivo de construir melhores condições de vida no presente. Ronaldo do Campinho da Independência, território quilombola de Paraty, expõe assim sua visão da história dos quilombos como espaço comum de resistência:

Nos quilombos, ao longo do tempo do Brasil pré-republicano foi crescendo a presença de não negros que não eram da elite. Então o Brasil foi ocupado por um grupo cada vez maior de não negros, que não eram os donos do poder, que também eram aliados importantes da luta quilombola. Eles também eram abrigados nos quilombos. Então é importante entender que quilombos não eram formados só por negros, tinham não negros ali também. Ai, essa nossa relação é histórica. (SANTOS, depoimento oral, Paraty, 2016)

Sobre os impasses recentes da escrita da História, Guimarães (2007, p. 26) nos fala que o texto escrito da história é hoje percebido como parte de um conjunto móvel de experiências humanas e “seus signos, ao serem lidos evocam imagens a partir das quais o passado se torna matéria de conhecimento.”. Outras formas culturais de ler o passado, de se apropriar dele e construir narrativas em lugares de memória produzem identidades presentes com múltiplos projetos de história. O poder do conjunto das evocações de uma cultura histórica produz narrativas que o autor (2007, p. 26) explicita pelas palavras argutas de Jorge Coli como “os poderes da arte fabricando a História”.

¹⁰ Luis Perequê, músico e poeta de Paraty. Ronaldo Santos do Campinho da Independência, músico do grupo de RAP Realidade Negra, integrante do CONAQ, membro do Fórum das comunidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas de Paraty, Ubatuba e Angra. Dauro Marcos do Prado; liderança nacional caiçara, de família tradicional de resistência da Jureia (Município de Iguape, SP). Antonio Carlos Diegues, coordenador científico do NUPAUB, Núcleo de Pesquisas de Áreas Úmidas do Brasil, da USP. Alexandre Pimentel, autor do livro *Museus Vivo do Fandango*, então superintendente de cultura e território da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Assim, como a fala de Ronaldo propõe uma história legitimadora da luta política das comunidades tradicionais, a fala do professor Diegues constrói para a comunidade de ouvintes uma visão antropológica do espaço caiçara. A noção de território é contada como experiência vivida por Diegues, e passa a fazer parte da constituição de memória da Rede Caiçara de Cultura.

Eu me lembro da importância dos mapas. Por quê? Porque, só um adendo, eu tinha feito meu doutorado aqui, então eu conhecia relativamente bem essa parte norte de Ubatuba e sul fluminense. E tinha feito meu mestrado entre os pescadores de Iguape e Cananeia. Então eu já tinha um trânsito aqui por essa região. E, como todo antropólogo, o que eu percebi é o seguinte; o modo de vida era praticamente igual. A importância da roça era a mesma, a importância do mutirão era a mesma, a importância do trabalho familiar era a mesma. (DIEGUES, depoimento oral, Paraty, 2016).

A festa também é um dos pilares do encontro de fandango e cultura caiçara. Faz com que cada encontro seja lembrado. Cada memória transmitida faça parte da dinâmica dos novos encontros. A Rede Caiçara de Cultura aparece assim como uma trama invisível do encontro de saberes, pela relação entre as lideranças comunitárias, os cientistas e os artistas, que é celebrada pelo baile e a comida comunitária. Todos se afinam com a alteridade caiçara:

Fandango é gozado, as músicas... Eu era um antropólogo ainda meio deficiente porque eu não me interessei muito pelas músicas, porque minha formação era marxista. Fortemente marxista. E marxista acha que a cultura musical é alguma coisa supérflua, o que eu só vim a aprender muito recentemente, que ela é fundamental na afirmação da identidade. Acho que são duas coisas importantes na afirmação da identidade; é a música, de um lado, a cozinha, do outro, a culinária, né, e claro a organização. (DIEGUES, depoimento oral, Paraty, 2016).

Então o ato de lembrar os feitos realizados é a condição de encontrar seu movimento de transformação, para entender seu lugar no presente. A escrita deste artigo faz parte do esforço geral das sociedades contemporâneas de lidar com seu “dever de memória”¹¹. O debate sobre os direitos das comunidades caiçaras é resultado de uma aceleração na circulação entre as esferas de saber. Ela influi na própria definição de uma ordem social mais justa, que tem de lidar com um passado que teima em não passar. Estes agentes sociais transmutam essa teimosia “presentista” em ato de insubordinação.

*E aí, eu também gostaria de pegar a ideia da **insurgência** quilombola. Eu nunca tinha pensado nisso como um fato importante pra esse movimento das comunidades tradicionais. E não quero nem trazer isso como um orgulho de*

¹¹ Dever de memória é a expressão que Luciana Heymann analisa como constitutiva de uma nova noção de direito à reparação, quando “toda evocação do passado, no espaço público, parece estar permeada por essa noção, presente no discurso de homens públicos, na fala de líderes comunitários, no debate acadêmico e nos textos jornalísticos.” (HEYMANN, 2006. P. 27).

ser quilombola, não é bem isso, mas é só uma reflexão mesmo política dessa linha do tempo; de quem somos nós nesse tabuleiro, né? Nós todos. (SANTOS. Depoimento oral, Paraty, 2016. Grifo meu).

Essa dinâmica de construção da memória coletiva é parte constitutiva da própria demanda social em pauta no encontro. Ela se constrói no diálogo estabelecido dentro da comunidade de oradores e ouvintes. Ou seja, a demanda social se identifica com um passado “presentificado” em uma situação social simbólica que, ao mesmo tempo, procura explicá-la e propõe sua transformação¹².

Em Guimarães (2007) vemos também uma ação possível para o historiador contemporâneo. À historiografia, como área de investigação caberia, entre outras, a tarefa de se interrogar acerca dessas inúmeras formas de produção do passado e dos regimes correlatos de escrita que se instauram para significar esse conjunto pretérito de experiências. Sobre os regimes correlatos de escrita se põe uma questão de uso, ou de invenção; a busca de uma escrita que dialogue com essas diversas formas de produção de conhecimento do passado¹³. O caso do compositor de Paraty Luis Perequê é expressivo de um regime de escrita da história produzido para dialogar com as comunidades tradicionais. Através do uso do ponteio de viola, expressão arraigada nos encontros de cantoria do mundo rural brasileiro, Perequê compõe seus versos explicando a transformação que Rio - Santos (1975) trouxe para o território caiçara.

Roceiro virou pedreiro
Trabalhando em construção
Fez as casa do estrangeiro
Grileiro de nosso chão
Tropeiro patrão de burro
Hoje é burro de patrão
Tem no peito um sussurro
Quando vê um lote de burro
Passando de caminhão

Perequeaçú
1992

Neste sentido a música é também uma escrita da história¹⁴. Assim o compositor popular ganha na circulação de uma memória compartilhada o status do narrador gabaritado de que fala Portelli (2011). A forma musical permite a apropriação direta da

¹² Aquilo que Zygmunt Bauman chama de “la política de la vida, más que el de las estructuras sociales y sistémicas; en otras palabras, las estrategias de vida posmodernas, más que la modalidad burocrática de gestión de los procesos sociales y la acción coordinadora, son los factores más influyentes entre los que dan forma a la situación moral de los hombres y mujeres posmodernos.” (BAUMAN, 2003, P. 64)

¹³ Para Gilroy (2011, p. 176) isto ocorre na produção e escuta da música quando “Urna espécie de historicismo popular, que estimulou um fascínio especial pela história e o significado de sua recuperação por aqueles que têm sido expulsos dos dramas oficiais da civilização”.

¹⁴ “La música, como la identidad, es a la vez una interpretación y una historia” (FIRTH, 2003, P. 184).

experiência narrada. É a história comum do poeta e do pescador. Do tropeiro e do cantor. Por causa dessa demanda, o compositor grava seus poemas em CD (Luis Perequê ao vivo, 2012). Eles são reproduzidos pelo pescador para sua rede de sociabilidade. O que multiplica a circulação de uma nova história pública.

Outro aspecto que Guimarães (2007, p. 35) discute é a subjetividade “como critério de legitimação dos discursos sobre o passado”. Se hoje não há um projeto único e ideal de futuro¹⁵, aparece vivamente na ciência e na arte uma necessidade de corrigir erros passados que permanecem. O ativismo caiçara de tradição oral incorpora o testemunho subjetivo ao encontro com outros saberes. Contudo, a avaliação sobre os resultados de um discurso enunciado é construída em processo. A história muda o sentido das classificações. É o que se ouve no depoimento de Dauro do Prado, líder comunitário da Juréia, litoral sul de São Paulo.

Eu, assim, pelo menos não lembrava desse... Não sabia desse nome comunidades tradicionais, de caiçaras. Nós nos entendíamos por praianos, por moradores da floresta, do mar. Mais ai veio esse nome, esse palavreado e a gente afirmou isso e acolheu esse pessoal, né. Oi tinha muita gente. O Zé Pedro que chegou lá juvenzinho. Dizendo pra nós que ia ajudar. Criou um alojamento. Nós carregamos pedra nas costas pra construir um alojamento da SEMA¹⁶, na época, que era uma secretaria especial de meio ambiente. E depois eles... a gente acreditando que iam criar uma coisa que ia ajudar e que ia afastar a Nuclebrás¹⁷, que ia afastar a especulação. Apoiamos tudo isso e de repente vem a puxada do tapete. Ai de repente vem uma lei que proíbe todas as atividades que os caiçaras fazem. Que vivem do mar, da pesca, da agricultura, do extrativismo, vive da floresta. É como Ronaldo falou, vive a relação com a natureza. O caiçara com o território é uma questão de pertencimento. Ele pertence àquele lugar. Ele pertence àquele mangue, ele pertence àquela areia, ele pertence àquela floresta, ele pertence a todas as coisas que estão ali. E quando se tira isso do caiçara, ou da comunidade quilombola, ou da comunidade indígena, dos pescadores, dos extrativistas é tirar a vida deles. (PRADO, depoimento oral, Paraty, 2016).

Dauro aponta o fato de que a identidade caiçara nasce de uma classificação apropriada da ação que mudou seu mundo comum. Sua afirmação política de resistência foi posterior à enunciação. Comunidades caiçaras era um termo do “palavreado dos ambientalistas” para designar a população de vida tradicional da Juréia. Transformou-se em sinônimo de resistência quando os “ambientalistas”, especialistas convocados pelo poder público, redefiniram a categoria de parque, normatizando as formas de manejo

¹⁵ Só restam projetos parciais como descreve Canclini (1997, P. 23): “Despojados de qualquer ilusão totalizadora ou messiânica, esses artistas mantêm uma tensa relação questionadora com sociedades, ou fragmentos delas, onde creem ver movimentos socioculturais vivos e utopias praticáveis”.

¹⁶ Dauro se refere a um dos criadores da Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo, José Pedro Costa. Ver: COSTA, José Pedro de Oliveira. Esboço da história da criação da SMA. In: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo: 25 anos. São Paulo: SMA, 2011.

¹⁷ O projeto nuclear brasileiro previa a instalação de usinas nucleares na Juréia e no litoral entre Angra dos Reis e Paraty. A BR-101 sul fazia parte desse projeto estratégico da Nuclebrás. Mas ela não chegou a se concretizar na Juréia. Fonte: Agência Estado, 17 Novembro 2002 | 20h02. Acessado em 04/08/2018.

dos recursos naturais, que acabaram por inviabilizar a vida tradicional e expulsar os moradores antes classificados como comunidades tradicionais caiçaras.

5 CONCLUSÃO

A Rede Caiçara de Cultura (2005-2016) aciona a arte como participante na dinâmica de um projeto mais amplo da sociedade englobante, que envolve o patrimônio comum da humanidade. O processo histórico é que propõe a noção de ciência¹⁸ como pilar de qualquer projeto de desenvolvimento. Ocorre uma mudança normativa quando o mundo atinge um padrão global de produção para o mercado e passa a valorizar a sobrevivência de qualquer herança cultural que preserve o meio ambiente¹⁹.

Nos campos da produção do conhecimento²⁰, o micro e o macro²¹ se integram ao projeto coletivo de sociedade planetária, no qual estão simbolicamente interligados por relações de dependência mútua. A categoria biossocial de representação do ecossistema conduz o conhecimento para a arena da disputa política²².

Através do conceito de ecologia, todos os seres vivos participam desta disputa pelos recursos da vida, e a vida os organiza segundo uma ordem de interdependência²³. Assim, os sonhos criativos do imaginário humanista moderno²⁴ encontram novos horizontes. As classificações biológicas e hierarquias sociais²⁵ ganham um novo sentido simbólico.

¹⁸ Que se passe-t-il alors si l'on range à l'opinion de nombreux scientifiques – et, incidemment, d'un nombre croissant de philosophes – que les sciences sont aussi nombreuses que variées, et qu'aucune définissent cohérente et systématique d'une «essence» propre de la science ne peut rendre justice à la diversité concrète des pratiques? Cela pourrait bien modifier notre appréciation de la variabilité des assertions métascientifiques. Car on est alors tenté de dire [...] que, comme chacune des grandes religions, différentes positions métascientifiques sont valables pour différents types, stades ou circonstances des pratiques que nous appelons scientifiques (Shapin, 1999, P. 77. Apud: VIDEIRA, 2007, P 152).

¹⁹ Convention concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage 1972; Considering that deterioration or disappearance of any item of the cultural or natural heritage constitutes a harmful impoverishment of the heritage of all the nations of the world. (UNESCO. Paris, 16 November 1972).

²⁰ Segundo Hobsbawm (2003, p. 326), a mutação histórica se tornou o componente principal das ciências naturais. “O DNA a revolucionou. Assim, sabemos agora como é extraordinariamente jovem o *Homo sapiens* como espécie. Saimos da África a 100 mil anos”.

²¹ Ginzburg (2007) percebe que o processo de ruptura e continuidade no debate historiográfico entre o micro e o macro permitiu que a história das mentalidades introduzisse os temas de uma micro-história: a família, o copo humano, as relações entre os sexos, carisma, facções, através de abordagens antropológicas de estudos documentais, observando os documentos como coisas em suas relações com o tempo histórico.

²² A construção da oposição entre natureza e cultura é feita a partir de uma escolha: “e essa escolha é, de certa forma, política, por referir-se a modos de habitar o mundo, e não simplesmente a representações”. (VELHO, 2001, P 136).

²³ The unit of survival is organism plus environment. We are learning by bitter experience that the organism which destroys its environment destroys itself (BATESON, 1972., P 491).

²⁴ No encontro entre saberes, que se tornou comum com as navegações marítimas a partir de fins do século XV, a ciência ocidental é apresentada como superior. Os saberes tradicionais são compreendidos como sendo puramente empíricos, já que desprovidos de fundamentação teórica e adequada comprovação experimental. (VIDEIRA 2007, P. 143).

²⁵ A explicação histórica tem como função harmonizar o cosmológico e o social, o científico e o contextual, dar conta do “conteúdo das ciências” pelo seu “continente”, sendo que seu enfoque trata as produções científicas igualmente a todas as outras produções culturais geradas pelos humanos. (PESTRE, 1996, p. 8-9. Apud: VIDEIRA, 2007, P 137).

Destaco, contudo, que não se trata puramente de um conflito entre visões de mundo ou mitologias. Entre a percepção do cidadão urbano contemporâneo de que a natureza é bela e frágil e a do bruto lavrador arcaico incapaz de reconhecer a mudança dos tempos. Trata-se da concretização histórica de um longo processo de separação entre o trabalho humano e o uso da terra, transformados em categorias econômicas, em recursos para a produção. Em mercadorias a serem negociadas segundo um fluxo de oferta e demanda. Este artigo fala dos grupos humanos para quem a terra e o trabalho, o mundo real e suas representações são fatos indissociáveis da vida.

No Brasil, alguns dos historiadores que nos contam essa transformação na vida das comunidades tradicionais são os cantadores populares. O cantador está em todos os cantos, como nos conta Dércio Marques:

Eu quero falar do cantador, o autêntico cantador (...). No Brasil, quando falamos de cantadores, nos transportamos para o norte, nordeste, pro sul, interior de São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Pará, Amazonas, enfim, para todos os cantos deste país tão grandioso. Pois em cada canto existe o que nós chamamos de “o cantador”²⁶. (BERTELLI, 2017, P. 14).

Em *Cantos da Mata Atlântica* (1999) Dércio Marques grava a canção *Orelha de Pau*, do cantador Luis Perequê de Paraty. *Orelha de Pau* é um cogumelo, também conhecido como urupê ou pironga, e tem seu nome popular associado ao formato de orelha de consistência dura. O fungo é uma espécie de decompositor, realizando um importante papel de reciclar a matéria orgânica da natureza. A canção propõe uma singela síntese para os processos contraditórios de construção dos percursos comuns. Ela convida a andar pelo mato, errar de caminho, pegar carrapato e pisar em espinho para encontrar as coisas que é preciso aprender. Este canto quer validar a perspectiva do olhar humano sobre todos os seres vivos. Mas nos alerta de que precisamos atentar sempre para o caminho enquanto procuramos encontrar a verdade das coisas mundanas. Uma vez que cada caminhante segue pisando os caminhos da história, a cada passo que dá deve olhar em todas as direções, porque “quando sonhamos as flores do alto / sem querer pisamos as flores rasteiras / igualzinho na vida / esta flor preferida de toda canção”. (Perequê, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, G. *Steps to an ecology of mind*. San Francisco. Chandler Pub. Co., 1972. P 491.

BAUMAN, Zygmunt. De peregrino a turista, o una breve história de la identidade. In: HALL, Stuart. GAY, Paul du. (compiladores). *Cuestiones de Identidad Cultural*. Buenos Aires. Amarrotu, 2003. P 64.

²⁶ Estas palavras são do cantador Dércio Marques (1946-2012) copiadas de Bertelli (2017) que as transcreveu da última aparição pública do artista no programa *Senhor Brasil*, de Rolando Boldrin, exibido na TV Cultura, em 02 de agosto de 2012. Quarenta dias depois de seu falecimento em 24 de junho de 2012, em Salvador, BA.

- BERTELLI, Leticia Queiroz. *Dércio Marques: da Latinoamérica ao Brasil de dentro*. 155 F. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de comunicação e artes. USP. São Paulo, 2016. P 14.
- BRANDÃO, Júlia Lima Gorges. *Conservacionismo, ciência e turismo: a experiência do Parque Nacional de Itatiaia (1943-1957)*: 141 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2017.
- BRETON, Yvan e PLANTE, Steve. Gestão de recursos de uso comum em Paraty. In, Antonio Carlos Diegues (Org.), *Enciclopédia caiçara vol. III: O Olhar estrangeiro*. São Paulo, Editora Hucitec, NUPAUB, USP, 2005. P 278.
- CANCLINI, Néstor García. Das utopias ao mercado. In: *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997. P 184
- COSTA, José Pedro de Oliveira. Esboço da história da criação da SMA. In: *Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo: 25 anos*. São Paulo: SMA, 2011.
- CUNHA, A. Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Lexikon, 2015, P. 112.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A arte do renascimento e a imortalidade do homem ideal. In: *Diante da imagem: questão colocada aos fins da história da arte*. São Paulo. Editora 34, 2013. P 69 – 113.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *O Mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Editora Hucitec, 2001. P 158.
- DIEGUES, A. Carlos e NOGARA, Paulo. *Nosso Lugar Virou Parque*. Estudo Socioambiental do Saco de Mamanguá, Parati, Rio de Janeiro. São Paulo, NUPAUB – USP, 2005. P 145.
- FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: Raízes do Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais - VOL. 28, Nº 82, junho/2013*. P. 123 -124.
- FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: Jorge Ferreira (org.). *O populismo e sua história*. Debate e crítica. Rio de Janeiro: Ed.Civilização Brasileira, 2001.
- FRITH, Simon. Música e identidade. In: HALL, Stuart. GAY, Paul du. (compiladores). *Cuestiones de Identidad Cultural*. Buenos Aires. Amarrotu, 2003. P 184.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro; modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34, UCAM, 2011. P 176
- GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: *O Fio e os Rastros. Verdadeiro, Falso, Fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, Ruth. *Caleidoscópio*. A saga de Pedro Malazartes. São José dos Campos, São Paulo, Edição do Autor, 2006. P 19.
- GUIMARÃES, Manoel. O presente do passado: as artes de Clío em tempos de memória. In: ABREU, M., SOIHET, R. e GONTIJO, R. *Cultura Política e Leituras do Passado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Faperj, 2007. P 26 – 35.
- HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando o limite. IN: Sovik, Liv (org.) *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, P 101-128.

HEYMANN, Luciana. *O "devoir de mémoire" na França contemporânea: entre a memória, história, legislação e direitos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2006. P 27

HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes*. Uma vida no século XX. São Paulo. Companhia das Letras. 2002. P 326.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Versão de 1969. São Paulo. Cia das Letras, 1995. P 56 - 170.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo. Brasiliense, 1985.

PORTELLI, Alessandro. Entrevista com Alessandro Portelli. In: *Revista Historiar*. Universidade Estadual Vale do Acaraú. V.4, N. 4, jan/jun, 2011.

SECORD, James. Knowledge in Transit. (Palestra proferida no quinto encontro da British Society for the History of Science. Cambridge, em 6 de agosto de 2004). In: *The History of Science Society*. No 95, 2004. P 654 – 672.

SOIHET, Rachel. Introdução. In: Martha Abreu e Rachel Soihet. *Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Faperj, 2003. VELHO, Otavio. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. *Mana*. V. 7, N 2, 2001. P 136.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Historiografia e História da Ciência. In: *Escritos*. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ano 1, n. 1, 2007. P. 137 – 152.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. *The Modern World-System IV. Centrist Liberalism Triumphant, 1789-1914*. Berkeley. University of California Press, 2011.

DOCUMENTOS SONOROS.

DIEGUES, A.; PIMENTEL, A.; PEREQUÊ, L.; PRADO, D.; SANTOS, R. *Cultura e Território*. Roda de depoimentos. XIV Festa Literária Internacional de Paraty. Paraty, RJ, em 02 de julho de 2016. (2 h 29 min.).

ENTREVISTAS.

ANDRADE, Henrique Oswaldo de. Henrique Oswaldo de Andrade (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (1h 20min). Entrevistador (es): Lia Calabre de Azevedo; Lúcia Lippi Oliveira. P 3.

OUTROS DOCUMENTOS.

CPDA/ UFRRJ. *Conflitos por terra e repressão no campo no estado do Rio de Janeiro (1946-1988)*. Relatório Final, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2015. P. 305.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1978. Capa caderno B.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1979. P. 4

MEC/CFC/FENAME. *Atlas Cultural do Brasil, 1972*.

UNESCO. Convention concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage; Paris, 16 November 1972

DISCOS E CDS

MARQUES, Dércio e Dorothy. Orelha de Pau (Faixa 1), de Luis Perequê. In: **Cantos da Mata Atlântica**. Santos, SP. Independente, 1999. 1. CD. (68min 36seg). Estéreo

OS CAIÇARAS. Ciranda (Faixa 5), domínio público. In: **Dias de Caiçara, música**. São Paulo. Dialetos Latin American Documentary, 2009. CD 2. (49 min 28 seg).

PEREQUÊ, Luis. **Luis Perequê ao vivo**. Ubatuba, SP. Silo Cultural, agosto de 2012. 1 CD. (47 min 36 seg.).

PEREQUEAÇU, Luiz. Encanto Caiçara (Faixa 1) e Poema de Tropeiro (Faixa 5), de Luiz Perequeaçu. In: **Encanto Caiçara**. Rio de Janeiro. Via Cult, 1992. 1 disco, (35min 34seg). Estéreo/Mono. 100.839.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaria de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaria de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actitudes 217, 218, 219, 220, 226, 227, 249
Agricultura familiar 79, 80, 82, 83, 84, 88, 89, 209
Arabia Saudí 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239
Artefactos 252, 254, 258
Artefactos calentados 252

C

Caçara 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188
Canção 173, 185
Características da Tarefa 260, 261, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 277
Ciudad neoliberal 158, 161, 169, 170, 171
Comunitario 75, 183, 189, 194, 195
Condiciones de producción 18, 20, 22, 26, 28, 92
Condominio 57, 59, 60, 70, 71, 72, 73, 74, 75
Conflicto socioambiental 90, 96
Conservadores 234, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249
Cuestión agraria 30, 32, 34, 39, 55
Cultivos 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 26, 44, 50, 52, 62, 127

D

Datación 251, 252, 253, 254, 257, 258
Desarrollo 3, 4, 15, 17, 18, 19, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 46, 49, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 69, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 96, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 160, 161, 218, 219, 221, 222, 223, 225, 226, 247
Desarrollo rural 30, 31, 56, 77, 124
Desenho do trabalho 261, 263, 275, 278
Distrito Industrial 138, 139, 141, 142, 143, 147, 148, 149, 154, 155, 156

E

Economía agrícola 30, 31
Educación Ambiental 172, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227
Energía solar 105, 108, 109

Espacio público 158, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 169, 170

Estancieros 57, 75

Extractivismo 18, 19, 28, 72, 90

Extractivismo sojero 18

F

Fatores Locacionais 138

Frente Popular 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Fuentes renovables de energía 104, 105, 106, 107, 110, 114, 116

Fuerzas productivas 18, 19, 20, 55

G

Generación distribuida 105, 112, 115

Geografía urbana 158, 159, 161, 166, 170

Gestión energética sostenible 105

Gestores 63, 79, 80, 107, 171, 172, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 269, 270, 273, 274, 275, 276, 277, 278

H

História 16, 17, 57, 59, 65, 75, 76, 77, 101, 103, 119, 129, 173, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 191, 193, 195, 198, 199, 203, 206, 208, 211, 228, 241, 242, 249, 250, 258

Historia de Chile 241

Historia Local 241, 242, 250

I

Impacto ecológico 201

Ingeniería genética 18, 19, 25

Instituições 79, 84, 85, 86, 87, 88, 174

Irán 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240

L

Liberación 98, 189, 191, 232

M

Mata atlântica 173, 174, 185, 187

Medio ambiente 13, 15, 20, 58, 76, 97, 105, 107, 123, 128, 129, 131, 136, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

N

Nossa Senhora do Socorro 138, 139, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Nueva agricultura 1, 11, 12, 15

O

Ordenamiento Territorial Urbano 117

Organización 34, 37, 38, 39, 43, 47, 49, 50, 52, 53, 56, 62, 66, 72, 76, 93, 101, 106, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 130, 162, 166, 189, 192, 195, 230, 232

Oriente Medio 228, 230, 231, 234, 238, 239

OSL 252, 255, 257, 258

P

Paraguay 18, 19, 20, 23, 27, 29

Participación 34, 36, 44, 59, 99, 119, 121, 125, 126, 129, 160, 162, 165, 172, 193, 194, 217, 226

Patrimonio biocultural 90, 91, 93, 94, 95, 99, 100, 101, 102, 103

Plan Estratégico 117, 124, 129, 131, 132, 135, 162, 163, 172

Poderes públicos 117, 118, 163, 170

Política Pública 79, 86, 126, 146

Políticas Públicas de Desenvolvimento Regional 138, 139

Povo Truká 201, 208, 209, 210, 211

Primavera Árabe 228, 229, 234, 235, 238, 240

Projeto de Transposição 201, 210

Proprietarios 21, 24, 32, 36, 49, 50, 57, 59, 66, 68, 70, 73, 75, 91

R

Reforma agraria 30, 31, 32, 33, 37, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 68, 70, 73, 74, 76, 82, 88, 91

Regadíos 1, 3, 8, 17

Rio São Francisco 201, 203, 204, 208, 212, 213

S

Seguridad/inseguridad urbana 158

Siria 228, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Sostenibilidad 1, 15, 16, 17, 22, 106, 107, 115, 220, 226

Superficie agraria 1

T

Territorio 4, 8, 19, 54, 70, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 141, 146, 147, 154, 162, 165, 170, 174, 177, 180, 181, 182, 183, 187, 189, 190, 194, 195, 198, 210, 215, 233, 237, 258

U

Universitarios 217, 221, 226, 227

V

Verdad 189, 191, 193, 196, 198

Violação de direitos 201

W

Wirikuta 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103

X

Xochicalco 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102



**EDITORA
ARTEMIS**